

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 14 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" atrazado.	\$300

SUMMARIO. — Historia dos sete dias, *J. Sincero*; Democracia Representativa — *A. Brasil*; Ophelia, soneto — *L. Delfino*; Gazetilha litteraria; Versos á noiva — *L. Rosa*; Os que surgem: Palhaços — *J. Vicente Sobrinho*; Dia cheio — *R. Braga*; Dois mundos, soneto — *F. Neves Sobrinho*; Partido, soneto — *Arthur Lemos*; Plebiscito Litterario; Factos e Noticias; Theatros: Correo — *Enrico*; Tratos á bola — *Fr. Antonio*.

Historia dos sete dias

Para mim, a quem boatos não interessam e tiros não causam medo, a semana só teve dois casos chronicaveis, secundos em sugestões e commentos.

Foi o primeiro o da heroína de Angra dos Reis.

Havendo aportado áquella cidade a torpedeira revoltosa *Marcilio Dias*, foi á terra a nua laucha o tenente Francisco de Mattos, acompanhado de alguns marinheiros armados. Imagina-se facilmente o susto daquella pacifica população.

O emissario revoltoso scientificou ás autoridades que ia alli, cumprindo ordens do chefe da revolta, arrecadar o armamento existente e osapparelhos telegraphicos e telephonicos.

"Chegados á estação telegraphica — resa a noticia d'*O Angrense* — o Sr. 1.º tenente Mattos intimou a estacionaria, a Exma. Sra. D. Julia Cunha para entregar-lhe os respectivos apparelhos, respondendo-lhe a estacionaria que só depois de morta S.S. isso conseguiria. Então, com todo o cavalheirismo, o Sr. 1.º tenente Mattos fez ver que ver-se-hia obrigado a empregar a força etc.

"Em seguida, — continúa *O Angrense* — o Sr. Honorio Lima, como amigo do finado marido da estacionaria, fez-lhe ver que o seu procedimento era digno e viril; porém que, não dispondo ella de elementos para uma reacção, era sacrificar-se infructiferamente; que ahi se achavam o delegado de policia e um representante estadual, testemunhas do facto; portanto, aconselhava a não entregar voluntariamente os apparelhos, porém tambem não reagisse se a porta fosse arrombada." Mais ainda: "que fosse pelo

interior da casa, á sala dos apparelhos e communicasse o facto á Central."

Esse conselho havendo sido acceito pela digna senhora, estava-o esta executando, quando sobre veio o Sr. 1.º tenente Mattos, que se apoderou dos apparelhos, deixando a seguinte declaração escripta: "Declaro que tomei á força os apparelhos telephonicos e telegraphicos, não obstante a resistencia da estacionaria. Angra, 23 de Setembro de 1893. *Francisco de Mattos*, 1.º tenente da torpedeira *Marcilio Dias*, deputado pela Bahia."

Eis, resumido, o caso.

E' um dos mais bellos episodios desta calamitosa quadra revolucionaria.

Aquella senhora, não reconhecendo a legitimidade de uma intimação emanada de um dos chefes dos revoltosos e recusando, por isso, obedecer-lhe, mesmo com sacrificio da vida, não foi sómente ao seu sexo, tão indevidamente chamado fraco, que honrou, mas a todo o funcionalismo brasileiro; ao qual deu, ella, uma fragil mulher, só e inerte, o mais bello e nobre exemplo da nitida e profunda comprehensão de seu dever como depositaria de funções de tanta importancia, como as de chefe de uma estação telegraphica e telephonica.

Quereis ver o contraste com esse procedimento? O commandante da torpedeira foi, em seguida, á casa do destacamento policial, e ahi arrecadou todo o armamento e munições existentes, sem a minima resistencia.

Uma mulher, só e sem armas, resistiu valorosamente, para cumprir o seu dever e honrar a confiança que nella depositara o Governo, entregando-lhe a estação; ao passo que no destacamento policial, varios homens, em vez de defenderem, com as armas que tinham, o posto que deviam conservar, entregam-nas sem resistencia, á primeira intimação!

Se aquelle facto se houvesse passado na Inglaterra, em França ou nos Estados-Unidos, a menor recompensa que podia ter a denodada estacionaria era — uma estitua, para não falar nas subscrições publicas e nos ricasos excentricos que affluiriam a supplicar-lhe a honra de desposal-os.

Aqui mesmo, entretanto, neste paiz tropical de gente fria, não creio que passe sem a devida recompensa da parte do Governo tão raro e formoso exemplo de civismo e sem uma prova da admiração popu'ar.

A Semana faz um appello aos seus leitores, e ás suas leitoras principalmente, para que lhe enviem doativos destinados á acqui-

sição de um brinde ou mimo, modesto embora, a offerecer á Exma. Sra. D. Julia Cunha, a heroína de Angra dos Reis.



O outro caso interessante foi haver um collaborador d'*O Paiz*, o eminente *Ignotus*, chamado feio, com todas as letras, ao meu amigo Dr. Alberto de Carvalho, que é um bello rapagão, como o sabe todo o mundo.

Foi i so num artigo, publicado ante-hontem, sob o titulo *Os oradores do jury*:

"Alto, feio, vasta fronte illuminada, bigodes de general russo, gestos amplos, parecendo querer abranger o espaço e o auditorio."

Não é tanto por ser uma flagrante e revoltante injustiça que protestamos. Mas para que não fique o precedente.

Basta ver o appolineo ora'lor judiciario, uma vez que seja, para guardar indelevel impressão da sua belleza mascula e sympathica.

Mas com que direito vem o autor de *Chiquinha Mascotte* para o alto da folha de maior tiragem e de maior circulação da America do Sul dizer a essa America e ás outras que determinado individuo, cujo nome escreve com todas as letras, é feio? Feio!

Não sabe S. S. que os gostos são relativos? O Sr. Dr. Alberto de Carvalho pôde ser feio para o Sr. Dr. Viveiros de Castro (*Ignotus*) e parecer formoso a toda a restante humanidade. E o Dr. Viveiros mesmo, eu acho-o bonito e mais não sou moça; entretanto a belleza que nelle vejo esplendor pôde não patentear-se a outros olhos que tenham theorias ou gostos differentes acerca da formosura.

Que movel teria levado então o trefego escriptor a passar diploma publico de fealdade ao nosso estimavel e esbelto advogado?

Ambos são solteiros... Uhm!

Ahi anda rivalidade...

Faço votos para que não haja duello.



Tambem faço votos para que na semana proxima o meu collega e chefe *José do Egypto* se ache restabelecido da máccoba que o arredou do glorioso serviço destas columnas e que me trouxe a mim a honra estopante de substituil-o.

JOÃO SINCERO.

"DEMOCRACIA REPRESENTATIVA"

OS MILITARES DEVEM VOTAR E SER VOTADOS ?

Em alguns paizes adiantados em civilisação e aperfeiçoados em instituições militares, os membros do exercito e armada não votam, nem são votados. Se algum quer tornar valida a eleição de que foi objecto, terá de abandonar a carreira, reformando-se.

Ha entre nós pronunciada tendencia a admitir estas disposições legais, e ainda ha pouco um general do exercito, deputado ao congresso nacional, propoz um projecto de lei, concebido mais ou menos nessas idéas. Esse projecto foi repellido, com a allegação de que importava offensa á constituição da Republica.

Desde logo declaro-me tambem partidario da opinião de que os militares não devem tomar parte directa na politica. Não devem votar nem exercer, como taes, funcções electivas. Aerescentarei, porém, não por evitar possiveis antipathias, mas por mera lealdade philosophica, que, assim pensando, tenho em vista directamente o bem da classe armada, e apenas indirectamente o da sociedade civil. Direi já porque, em relação ao governo militar.

O governo que mais divide é o governo militar. O general que estiver dominando, qualidades pessoas á parte, se fôr muito feliz, começará tendo como uma das metades do exercito e armada. A outra estará em expectativa e logo depois em descontentamento e surda, senão violenta, opposição. Raros homens (e nunca os que não tiveram para isso especial educação) deixam de guiar-se no governo um pouco pelas inclinações do coração, amor ou antipathia. Se essas inclinações não se revelam nos poucos casos em que os actos estão traçados pela lei e terão de traduzir-se forçosamente em justiça litteral, ellas hão de fatalmente descobrir-se na infinidade de occasiões em que taes actos devem ter somente a inspiração do criterio proprio da auctoridade. Nestas circumstancias hão de ser favorecidos os amigos. D'ahi desgostos, queixas, irritação, indisciplina. Os que soffrem, ou dizem soffrer, hoje, estarão dominando amanhã, ao lado do seu chefe, a quem a roda da fortuna elevará seguramente a seu tempo. De tal modo, sempre uma boa metade da força armada estará em opposição á outra. Se em todas as cousas a união faz a força, quando se traeta da propria "força," o principio é muito mais evidente, e, inversamente, é claro que a desunião debilita e dissolve. Não ha nada mais proprio para destruir os militares do que um governo militar.

Entretanto, é uma verdade, que se affirma, sem necessidade de demonstração—que o paiz precisa de um exercito e de uma armada.

E' pois, em beneficio directo do exercito e da armada que devemos desejar que os militares não se anniquilem na politica.

Por outro lado, e tomando a questão em outro sentido, consideremos o perigo publico que existe em enfeixar-se nas mãos de uma classe toda a somma das funcções sociais. A força é a sancção do direito. Ella só se explica pela obediencia que deve guardar ao principio soberano a que é chamada a servir. Se a sociedade, além de haver posto nas mãos

de certo numero de seus membros armados, disciplina e todos os elementos materias da força, ainda confiou a elles o poder de declarar os casos de applicação dessa força, não ha duvida que tal sociedade alienou a sua soberania e passou a viver da boa ou má vontade dos poucos de seus filhos a quem commetteu tão vastas attribuições. Em principio, pois, os militares, como taes, não devem governar.

Não esqueçamos, entretanto, que ser militar é um accidente e que o que é permanente e essencial é ser cidadão. O facto de vestir uma farda não muda a natureza do homem, ou melhor, de todos os homens, nem deve inhabilitar o cidadão para qualquer cargo onde suas aptidões o fizerem util, sem exclusão da suprema magistratura nacional. O que é preciso é que o militar não governe como tal. Que dispa a farda apparatusa, symbolo da gerarchia que manteve entre uma classe resumida, para vestir a egualitaria casaca, com a qual não terá de emitir vozes de commando, mas de presidir á livre evolução da sociedade inteira.

No dominio dos factos, ou do pensamento, é sempre verdade que os abusos se provocam. Havia neste palz, ha bem pouco tempo, e talvez ainda se conserve, a procepção e queixa de que todos os males nos vinham dos advogados. Hoje começam a dizer que todos são produzidos pelos militares. Dirão amanhã o mesmo dos engenheiros, dos medicos, dos padres, se continuarmos commettendo a extravagancia de nos fazermos governar por uma determinada classe. Parece evidente que o facto em si de haver um individuo recebido o grau de bacharel em direito, ou em mathematica, ou o de doutor em medicina ou em canones, não lhe dá nem tira virtude para ser governante, ou qualquer outra cousa. Entretanto, o criterio brasileiro parece não se preocupar senão com a investidura academica do individuo.

Eu penso que devemos ter muito em conta as letras de cada um; mas o essencial é sabermos que qualidades tem cada um para o posto a que aspira, ou que nós lhe queremos dar. Assim, eu não repelliria o militar pelo facto de vestir ou ter vestido farda; dar-lhe-la o meu apoio, se visse nelle as qualidades pessoas e adquiridas que julgo indispensaveis para o bom desempenho de determinadas funcções, e, entre ellas teria logo a condição de não accumular o character de cidadão armado com o de mandatario civil.

O projecto de lei a que estas paginas vem servindo de justificação respeita a letra constitucional. Ainda, porém, que a constituição permittisse (e não discuto agora essa hypothese) que a lei ordinaria arredasse a classe armada, não me pareceria sabio propol-o desde já. Penso que essa conqulsta da liberdade nos ha de vir por um movimento de patriotismo e bom senso do proprio exercito e armada. Ella será, então, mais estavel e se obterá de um modo mais brilhante. Temos a felicidade de possuir um exercito esclarecido nos seus elementos pensantes; quando esses elementos pensantes preponderarem, os bellos movimentos que até hoje têm abortado se transformarão em realidade. Os proprios militares, inspirados pela nobre, mas, para elles, indevida, ambição de glorias politicas, comprehenderão que a verdadeira gloria do soldado se conqulsta em campo bem diverso, cultivando a sua

arte tão interessante, disciplinando as massas destinadas ao combate, infundindo confiança á nação de que a sua integridade e decoro serão respeitadas "pela razão ou pela força," como está no escudo dos nossos amigos chilenos, e o que é mais do que tudo, afastando do espirito publico, que precisa de tranquillidade para o trabalho fecundo, a preocupação importuna da instabilidade da ordem interna. Tal situação seria sem duvida util a todos, mas é, antes de tudo, uma condição para que os militares sejam felizes e para que a nação tenha um exercito.

J. F. Assis BRASIL.

OPHELIA

BAIXOS RELEVOS

... herself
Fell in the weeping brook....
Hamlet.

E' um deslumbramento!.... Aparição divina!....
Tem no olhar o clarão da chamma, que arde, em-
[quanto
Ruc no occidente accéo a ultima Alhambra em
[ruina:
Se canta, os rouxinóes calam-se ao ouvir seu canto.

Sae do centro de um lyrio: anda a rósa á surdina
Embalando-a em perfume; arrasta, e é tudo espanto,
Traços de luz nos pés, restos de sóes no pranto,
E o céu é um vasto nimbo azul, que ella illumina.

Enlouqueceu? Que ser estranho a levá-la e enleia?
Não é mais branca n'agua e mais leve a sereia:
Quem é? Quem vai com ella em tão longo noivado?

Ophelia, és tu o ideal do amor, que eternamente,
Solto o auroral cabelo, e ás hervas enrolado,
Vemos fugir, cantando a fio da corrente....

Luiz Delfino

GAZETILHA LITTERARIA

Nossa secção "Os que surgem" é hoje honrada com dois nomes novos—José Vicente Sobrinho e Raul Braga.

Aquelle, que reside em S. Paulo tem alli collaborado, no "Estado", com applauso; este é conhecido dos leitores d'"O Album", por alguns pequenos contos.

José Vicente Sobrinho revella-se nos "Palhaços" um batador de caminhos novos; um sedentó de fórmulas e idéas ineditas, originaes, blzarramente impressionistas. Fareja a "maneira" dominante de amanhã, que hoje mal se vislumbra nas nebulosidades das tentativas desorientadas.

Raul Braga é, a seu lado, um atrazado. Faz realismo, descreve minuciosamente trivialidades da vida, com attenção excessiva. Tem geito para o genero; mas o genero vae passando de moda.

Decididamente o Ideal reclama e retoma o seu logar nas letras. E é o Zola que dá o exemplo, contricto e ardente de nova fé. Não ha remedio senão segull-o.

De ambos os nossos collaboradores é licito esperar alguma cousa por estas amostras.

Com uma linda capa desenhada e litographada a côres, acaba de ser posto á venda o romance de Aluizio Azevedo "A Mortalha de Aizira", publicado ha algum tempo na "Gazeta de Noticias" com o pseudonymo Victor Leal.

O livro, que tem 320 paginas, está nitidamente impresso em excellente papel—edição quasi luxuosa, feita em Paris, e que muito recommenda o bom gosto dos editores Fauchon & C.

Do novo trabalho de Aluizio Azevedo diremos em breve.

Do soneto "La mort du Christ", attribuido a Moilère e por nós publicado em nosso duplo numero de 23 de setembro, já nos foram remetidas tres traducções.

A' que nos parecer mais fiel e correcta daremos de premio uma obra, illustrada, do grande Poqueiin.

Publicaremos, entretanto, todas as que recebermos, para que os leitores apreciem o nosso julgamento—excepto os que vierem sob a fórma de sonetos imperfeitos ou com versos de pé quebrado.

Que os Srs. poetas não percam tempo porque não lhes dá "A Semana" mais de um mez de espera.

Reproduzimos em nosso numero de hoje o oitavo capitulo da magnifica obra do Dr. Assis Brasil "Democracia Representativa". Trata de questões momentosa e tem a maxima oportunidade—em vespéras, como estamos, de eleições geraes.

É absolutamente impossivel diser mais e melhor em tão poucas linhas.

Que ellas aproveitem é o nosso desejo.

VERSOS Á NOIVA

Depois de ouvir a Ave-Maria de Gounod.

Ave Maria! dizem balbuciando
Os teus labios. Que doce melodia!
Ha corações de noivas palpitando
E ha rythmos d'ouro pela nevoa fria

Cheios de graça e ardor, os teus olhares
Sejam, cheios do sol do paraíso;
Boiem serenos, lípidos luareos
Na claridade eburnea de teu riso.

Garça de neve e pomba immaculada,
Seja contigo o amor, seja contigo:
N'alma, de risos toda illuminada,
Quede os meus sonhos vão pedir abrigo.

Bem dita sejas, flor de olhos serenos,
Noiva mystica, excelsa e triumphal!
Nos labios teus os ais, languidos threnos,
Têm o calido aroma de um rosal.

Entre as mulheres todas o teu fino,
Leve perfil risonho esplende e canta,
E andam em torno d'elle—aureo e divino
Psalmo—psalmo de luz que a luz levanta!

Palmeira irial, te inforas e estremeces,
Fulgida no meu olhar febril e astuto;
E eu digo em sonhos, quando me appareces,
Bem dita seja a flor, *bem dito o fructo.*

Flor que em teu seio canta uma volata
Toda cheia de unção e oleos bemditos,
E quando as azas de setim desata,
Põe no ar clamor de estranhos ritos.

Fructo mais roseo do que a rosea palma
Da tua mão, que os meus suspiros sente,
Cheiroso e quente porque vem de um'alma
O bello fructo—o amor—cheiroso e quente.

E azas de cherubins voam distantes,
Azas, que vão e vêm e amplas, abertas,
Passam, repassam leves, rutilantes,
Como os voos subis de aves despertadas.

E *Ave Maria*—dizes— como em sonho,
Ave... e a rir, meu espirito voeja,
Foge, e evolvo-me a um párauo risonho:
Vejo-me em face de um altar de igreja.

Nossa Senhora ahí está n'um floreo nicho
Como no fundo azul de um horizonte;
Mostra sedas talhadas a capricho
E um resplendor de estrellas sobre a fronte.

Sobre o manto que veste, preciosas,
Brilham joias e esplendidas riquezas;
Seus alvos pés minuculos, de rosas,
Calçam sandalias d'ouro e de turquezas.

E—*Ave Maria*— dizem balbuciando
Os teus labios... e pela nevoa fria
Passam visões, passam visões cantando
Brancas, leves, subis...—*Ave Maria*...

Luiz Rosa.

Setembro, 1893.

OS QUE SURGEM

PALHAÇOS

(A meu amigo, o *conteur* Carlos Dias)

PROLOGO

Cahira a noite, vagarosamente, toda embrullhada numa chuva fina, irritante, que enchia de mofo a solidão parda dos côos. As pesadas nuvens da tarde chuvosa iam lentamente, preguiçosamente, perdendo a côr terrosa e misturando-se todas numa espessa treva.

A transição do dia para a noite fôra monotonica, sob a chuva continua, melancolisando as almas numa longa nostalgia dos crepusculos tranquillos, cheios do mysterio do dormir do sol, e da vozéria dos animaes, que vac decrescendo, pouquinho a pouquinho, numa gradação cheia de somnolencia e de suspiros. Agora, porém, nem um gallo se despediu do dia, nem um boi chorou, e os passaros? que tinham feito os passaros?... como o dia tinha sido feio e triste, todo elle, os passaros ficaram nos ninhos, á coca, esperando que viesse o sol, mas o sol não veio...

... E já é noite, muito escura, muito negra, chela de um vago receio, de um tremor indeciso, chegando, de longe, de perto, de todos os lados, a cadencia da chuva, em uma continua queda.

Pelas ruas da villa os bicos de kerosene, muito espaçados uns dos outros, alumiam, com a luz immovel, por entre os vidros. Não passa ninguem e, afóra o murmúrio da agua, ha um silencio enorme, como se tivesse morrido o mundo. Caminhemos, leitor, ao acaso, por estas ruas; talvez que se nos depare um drama, um assumpto para um conto. Que frio que faz! fechemos os capotes e não tenhamos medo de nossas sombras, as quaes, quando passamos pela luz, se alongam como uns phantasmas... O sino bate—uma, duas... cinco... sete... doze horas. Meia-noite! Não ouves um choro convulso no casebre do palhaço Delfino? Entremos.

—Quem bate?

—Sou eu, o que faz contos, e o meu leitor.

—Entra!

E a Imaginação, vestida de luto, faz ranger a porta podre do casebre, escancarando-a...

A' luz escassa de uma candeia morrinhenta, o quarto mergulha numa meia-tuza, cheia de sombras bambas, que a luzinha tremula projecta. No tecto, aos cantos, accumulam-se as teias de aranha, cahindo todas intrincadas das vigas, numa grande rede. Do centro pende um trapezio immovel, e a um canto um chicote e vestes de arlequim parecem dormir.

Sobre um colchão, coberta por uma capa feita de retalhos de chita brilhante

e cheia de guizos, uma criança enferruzada, rachitica, com as faces muito chupadas, morre. A cada convulsão que lhe agita o corpo mirrado, os guizos riem.

—Julito, fallia, que tens, meu amiguinho? Olha, sou eu, teu pae, o palhaço, o Delfino. Pois não me conheces? Vê como estou todo branco, todo enfarrinhado. Queres que sulte, que ria, que chore?

E o palhaço, todo pintado de alvaide e lantejoulado como se fosse para uma grande funcção, inclinava-se com os olhos cheios de lagrimas para o filhinho que morria, unica lembrança que lhe deixara a amazona Emma, de nariz real e de bocca em arco...

A amazona Emma... Sob o barulho monotono que lá fóra fazia a chuva, e com os olhos pregados no rosto do Julito, que cada vez ia empallidecendo mais, o Delfino, retrocedendo dolorosamente ao passado, viu, das vigas velhas do seu quarto, do papel roto, do trapezio immovel, surgir morosamente a figura da sua adorada Emma.

Creados juntos pelo Gonçalo, o velho palhaço, que, já na decalencia da sua arte, pensara em fazel-os, do Delfino o primeiro "clown" do mundo, e da Emma a primeira amazona, elles mais pequenitos que eram do que o anão do bardo, tinham-se acostumado a viver juntos, numa franca camaradagem de brincos e de zangas. Nos feios mezes de inverno, quando a chuva cahia muito forte, mudando as viellas em rios lamacentos, elles, mansosamente, acaavam nas suas cabeceitas um goito de entrarem, sem o Gonçalo suspeitar, no quarto deste, puxarem de debaixo da cama o bahu de folha, muito devagarinho, e furtarem um dos jornaes que o velho palhaço lá guardava religiosamente, por causa dos elogios feitos a elle, no seu bello tempo... Furtavam-n'o, e, pela rua abalxo, na correnteza, seguia um grande navlo de papel, tripulado por uma marinhagem feita á tesoura, em grandes balouços... Na primavera, braço dado, lá iam para o campo, fazer armadilhas aos passaros, ou pulavam muros para furtar ameixas.

Um dia viram á borda de um tanque, dois patos, com os seus grandes pés espalmados, mexendo-se muito, um debicando soffrego o pescoco do outro; riram-se perdidamente e, chegados ao circo, contaram ao Gonçalo: este olhou-os, muito serio, com uma ruga na fronte, e, nessa mesma noite, separou-os um do outro, elles que sempre tinham dormido juntos. O Delfino, na sua qualidade de marmanjo, foi para uma esterra no clão. Aborrecidos, nem um nem outro dormiram e, toda a noite, levaram a pensar, achando o velho muito maldoso e não atinando porque seria aquillo. No dia seguinte, enquanto o palhaço estava fóra, o Delfino foi dizer uma coisa á Emma, ella riu-se muito, e, innocentes, muito curiosos, foram ver de novo os patos.

Era a puberdade que lhes nascia.

Já por esse tempo o Delfino era um dos predilectos do publico, que o recebia com bravos, sempre que elle vinha lá de dentro, numas cabriolas excentricas, e a Emma já recebia flores e já sabia atirar beijos.

Por uma noite de Junho, algida, o Gonçalo morreu. Delfino e Emma choraram muito e sobre o cadaver gelado do velho palhaço juraram união eterna.

Passaram annos: nasceu o Julito, e desde muito cedo era tambem palhaço.

Um dia entrou para a companhia em que elles trabalhavam o Theophilo, o homem-hercules, que logo se agradou da amazona Emma, de nariz real e de bocca em arco... Ella tambem foi tomada de uma paixão sensual pelo hercules. e uma noite fugiram juntos, emquanto na arena o Delfino, todo pintado, cantava quadras boças que a plebe applaudia... Quando o Julio lhe veio dizer que a mamã desapparecera, o Delfino largou a viola e cabriolou muito, para occultar as lagrimas—ha dias que elle já temia aquelle descalço. Ao levantar-se das cabriolas, as lagrimas misturadas com o alvaiade tinham sujado o seu rosto, e os seus labios conservavam uma dolorosa contracção de choro... Um frio glacial passou pelo publico e o publico assobiou o palhaço.

O Delfino, como um louco, procurou depois a amazona para a matar; uma occasião, numa cidade, julgou tel-a visto; avançou, não era ella...

Quando, na peregrinação vagabunda do bando chegou uma vez, de novo, ao logarejo em que morrera o Gonçalo, ajoelhou-se no cemiterio, sob a valla commum, que era onde tinham enterado o velho palhaço, e esteve alli muito tempo, recordando-se de sua infancia das suas glorias, e da sua adorada Emma, de nariz real e de bocca em arco.

—Julito, vê, vesti-me todo para divertir-te, falla, meu amiguinho, sorri para mim. Olha, sabes quem veio saber de ti? A Marietta, a que pula no trapézio e que tem tranças louras. Ella disse:—“Pobresinho do Julito! O’ Delfino, diz a elle que eu lhe mando um beijo...” E foi embora muito garridinha... Amanhã ella volta, e você ha de brincar com ella...

Cahia a chuva monotonamente, e fol embalado pela cadencia da chuva que o Julito morreu. A’ ultima convulsão interçou-se-lhe o corpinho e elle disse, vendo o pae que, para o animar, cabriolava no quarto:—“Bravo, palhaço Delfino,” e depois, num ultimo suspiro:—“Papae,” emquanto o palhaço, correndo para elle e o abraçando, julgava vêr no seu filhito morto longinquos traços do nariz real e da bocca em arco da amazona Emma...



EPILOGO

... Foi quando entrei no quarto com o meu leitor. A Imaginação, vestida de luto, atçou a candeia morrinhenta, e as nossas sombras, muito grandes, dançavam nas paredes. O Delfino chorava, convulso, e eu alegrei-me:

—Olha, leitor, é um assumpto para um conto.

—Sim, é um assumpto para um conto.

José VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, Outubro de 1893.

DIA CHEIO

A Valentim Magalhães

Ha dias assim... Nunca a vida parecera melhor, do que nessa manhã, a Guilherme Vieira.

Espreguçando-se, os musculos dos braços afiguravam-se-lhe mais fortes, o peito distendia-se-lhe n’uma satisfação, n’um prazer de respirar, de viver; sadio embora, robusto, mais sangue, sangue

rico de homem forte, de homem equilibrado, dir-se-ia correr-lhe agora pelo organismo.

Passou em rapida revista os factos da noite anterior. Nada cuja recordação o aborrecesse: coisas banaes, insipidas, quando o peor: algumas horas de palestra, um pouco de bohemia pelos bottequins conhecidos... nada de que se arrependesse...

Estava com appetite. Prompto em alguns minutos, pediu o almoço. Almoçava em casa, nos dias de serviço,—precisando comparecer mais cedo á secretaria.

O cosinheiro fôra, essa vez, inquestionavelmente irreprehensivel nas compras e na sua arte: a carne era excellente, “de bom logar” muito tenra, macia; o bife estava delicioso, como elle gostava: com bastante limão e salsa picada por cima; os ovos eram muito frescos; o leiteiro esqueceu-se de baptisar o leite; o café estava esplendido: “como tinta...”

Tomou um bond... Até que emfim não era preciso andar de corrida, para não perder o ponto! Teria, mesmo, tempo de “se preparar para o trabalho,” arrumando as suas coisas sobre a mesa, limpando, aparando, brunindo as unhas...

Não se lembrára: era dia feriado!... De que?...

Não sabia como esse lhe passara completamente, a elle tão a par de todos os dias de folga, de liberdade, longe daquelle monotonia a que se sujeitava, graças apenas ao ordenado menos máo.

Ha tanto que não havia um!... Era aproveitavel... O diabo é que não tinha dinhelro...

Com que prazer não iria flunar ao campo!...

De bom grado, faria desse dia um domingo de festa, de passeio entre arvôres, com um jantar alegre e fino sobre a relva, ao lado de uma mulher bonita...

Volto á casa. Oh! felicidade!... Mal entrou, o criado veiu trazer-lhe uma carta.

A mãe participava-lhe que já viera ordem ao Celestino, um negociante conhecido da rua da Quitanda, para lhe dar duzentos mil réis.

Essa resposta demorara-se: já não esperava por ella; calara-se até, fingindo-se zangado... Mas emfim chegava... e tão a proposito!...

Estava resolvido... Sahiu, de novo; tomou, novamente, um bonde: iria passeiar...

Casas adiante, uma mulher entrou: moça, simplesmente vestida. Timido de natureza, uma audacia agitou-lhe o peito do coração. Fantasizou, imaginou conquistá-la.

O bonde ia vasio: Guilherme, a rapariga, mais dois ou tres passageiros. A rapariga era facil, de certo. Notando que era olhada, cobiçada, revestia-se de ares superiores de mulher difficil e cara, não se esquivando todavia a lançar-lhe, a trechos, um olhar rapido e ardente...

Acompanhal-a-hia... E si fosse feliz... Jantaria n’um hotel... Um dia cheio!

Pensou em pagar-lhe a passagem, mas repeliu logo essa idéa: ella podia querer fazer “reclame” á sua virtude e envergonhal-o com uma recusa, um protesto. Quiz approximar-se-lhe, ir sentar-se no banco immediato ao seu, dizer-lhe alguma coisa, banalidades: que era muito bonita, estava apaixonado, perguntar-lhe onde morava, si a podia acompanhar,

ter essa honra... Teve medo, porém, de um escandalo: que ella se revoltasse, lhe respondesse desabridamente, não obstante os olhares convidativos e reveladores que lhe dirigia. Resolveu-se, pois, a segui-la sómente: observaria o logar em que se apeiasse e, mais adiante, saltaria, correria a alcançá-la. Apesar dos seus ares, bem que se via quem era; fosse ousado, entrasse com ella na casa em que ella entrasse e... recebido seria. Devia morar por alli perto: pagara apenas um tostão.

Proximo á rua do Conde, com effeito, a mulher mandou parar o carro, o apeiou-se; mais adiante, Guilherme saltou. O bonde parára um pouco antes da esquina; apressada, presentindo que seria seguida, a rapariga dobrou logo a rua; de repente, embarafustou por uma porta. Guilherme ia-lhe no encalço, quando esbarrou em alguém...

— Não tem olhos! exclamaram.

— E o Sr.?... nao vê, tambem?... respondeu.

Mas parou:

— Ah! é você...

— Que fazes por aqui?... onde ias com essa pressa, cégo, agitado?... — E o outro sorria-se...

— Deixa-me! seguia uma mulher. Ella já entrou; venho acompanhando-a desde a cidade; explicou.

— Uma mulher?!... Nao faças isso: não sabes quem é... Uma que desceu agora de um bonde... que entrou agora em casa, alli adiante?!...

— Sim...

— Não faças isso, repito-te. E’ uma mulher hysterica, disse-me o medico: tu sabes... tu o conheces... o Oliveira e Souza... E, depois, é tambem sabido; sempre foi assim (é a Rita): pilhando um homem como tu, não o larga mais... E’ uma “ostrá...” o diabo!...

Ouvindo, Guilherme, em cujo rosto transluzira, ao principio, uma estupefacção, serenara e acalmara-se...

— Mas então... dá-te com ella?

— Agora, não; ultimamente, não... mas em outro tempo... Sei-o, e, como teu amigo, te aviso: foge della!...

— Fugirei, respondeu-lhe.

E seguiram juntos, em direcção oposta á casa da rapariga.

Passava um bonde.

— Continuo o passeio; disse Guilherme.

Não se dirá que uma mulher assim estragou-me o passeio... Não vens comigo?...

— Onde?...

— A’toá... até ao fim da linha...

— Não... Tenho que fazer... Até logo.

Cerca das tres horas, estava de volta na rua do Ouvidor. Desceu, subiu, tornou a descer, tornou a subir... Conversou um pouco em uma charutaria. Comprou charutos.

Eram quatro horas e meia. “Um bello dia!” exclamava consigo, de instante a instante.

E dizer que se não fosse ter-me esbarrado no Pereira... Vamos tomar um “vermouth”... n’um café... onde haja musica... Desceu, de novo; entrou no “Casca.”

— “Vermouth” francez... com “bitter”, especificou ao criado.

A uma meza afastada, um violino, uma flauta e uma harpa afinavam-se.

— Diga que toquem alguma coisa que preste. Teem um nickel.

A marcha do “Propheta...” Mal; elle gostava, porém, assim mesmo, da musica. A musica não lhe falava ao

espírito, não lhe dava idéias, não lhe exprimia idéias; acalentava-lhe, adormecia-lhe a imaginação; vibrava-lhe os nervos, como que lhe agitava todo o corpo, fazia-lhe correr á flor da pelle um fremito, um arreple; punha-lhe no corpo uma loucura, uma doença nervosa; embriagava-o, enlouquecia-o. Bem ou mal tocada, elle gostava della assim mesmo: certas ouvindo, seria capaz de tudo — coisas de que se ria, depois, que condemnaria... de matar até, parecia-lhe...

Esteve ahi algum tempo. Pediu segundo "vermouth"... com "siphon", desta vez; mandou que tocassem outra coisa; pagou... sahio.

Bella tarde! Subiu, novamente, a rua; parou no Londres; conversou ainda com alguns amigos. Chegou a falar politica, a ter opinião sobre politica, uma coisa que o horrorisava, a que não dava importancia alguma. Disse coisas de todo o mundo, bobagens... "Os negocios do Rio-Grande lam mal... E os telegrammas? que de contradicções!... O Silva Tavares era um bravo!... com setenta e cinco annos!..."

Seguiu. Onde jantaria?... No Mangini.

E tomou o largo de S. Francisco.

— Sopa de "purée" de ervilhas.

Excelente! Apanhou a lista dos vinhos; escolheu Pomard; comeu peixe cozido, carne estufada com espinafre, fritada de camarão, "fié plqué" com batatas cozidas, "roast-beef" com salada de alface. Bebeu um calice de Porto fino, mandou vir a sobrezeza e meia de champanha. Porque não?

Era um dia unico. Nunca fôra tão feliz!

Faltava-lhe apenas o amor; mas, logo, mais tarde, elle o teria, elle o encontraria. Não tinha dinheiro?...

Ilusão, talvez... ilusão, de certo: pareceu-lhe que não o "esfolavam" muito, na conta. Como era dia de festa para si, deixou quinhentos réis em prata, sobre a toalha, para o "garçon"

Foi á casa mudar de roupa: de camisa, collarinho e punhos, de gravata, de calças e collete; enfiou a sobrecasaca, poz a cartola.

Fôra, comprou um botão de rosa, collocou-o na botocira.

Iria ao theatro. Era um dia cheio: porque não o acabaria assim? Ahi encontraria amigos, conversaria, rir-se-ia, tomaria um pouco de cerveja; sem duvida, acharia tambem alguma mulher que lhe agradasse: sahiria com ella; ceitaria com ella... acompanharia-a á casa...

O Sant'Anna! Representava-se uma magia: não fazia mal, estava disposto a tudo. E, depois, havia algumas de espirito, interessantes; além disso, era mais para passar o tempo e fazer horas, do que para assistir a um espectáculo.

No jardim, dois ou tres frequentadores passejavam, cabisbaxos, como medindo os passos, as mãos atraz das costas, segurando a bengala a prumo. Diante do botequim, um rapazinho rosado, de cerca de quatorze annos, de roupa clara e gravata vermelha, uma flor ao peito, bebia uma limonada gazosa, olhando muito as raras pessoas que entravam...

D'ahi a pouco, porém, começou a apparecer mais gente: vinham aos quatro, aos cinco: uns paravam abaixo da escada que vae ter aos camarotes, outros desappareciam logo a tomar os seus logares, na platéa... A maior parte deixava-se ficar por alli, á espera que

a campanha tocasse. Grupos formavam-se, um zumzum de vozes já se ouvia, de todos os lados...

Não vendo ninguém conhecido, apenas relações de cumprimento, de aperto de mão quando muito, Guilherme atirou fóra o charuto e entrou. Mas a campanha ouviu-se immediatamente.

Ao terminar o acto, voltou ao jardim. E mai déra uns passos, sentiu seguramente-lhe os braços por traz... O Christovão!...

— Então, por aqui?!

— E tu!... Assististe ao acto?

— Assisti. A peça não presta, como já podés ajuizar... Já a vi muitas vezes, no entanto...

— Não vim por ella... — E contou-lhe ao que viera...

No intervallo seguinte, achavam-se sentados a uma mesa, embaixo da coberta do botequim.

Havia mais com elles o Pereira e um outro.

Guilherme sentia-se feliz, continuava a sentir-se feliz. Christovão e Pereira eram dos seus amigos: estaria algum tempo com elles; depois, procuraria uma mulher... despedir-se-ia d'elles...

Conversaram. Falaram ainda na peça, avaliaram algumas mulheres que passavam, criticaram actos do chefe da repartição em que trabalhavam... Mas Christovão excedia-se: calices de genebra seguiam-se nervosamente uns aos outros; já não muito bom, quando se encontrava com o amigo, — afogueava-se agora, gesticulava, loquaz... Guilherme já por vezes o reprehendera, de balde...

— Olha! lá vae a Lola! notou-lhe o outro. E cochichou-lhe uma torpeza ao ouvido.

— Disseram-me; ajuntou, sorrindo.

— Não... Não estás em ti... Não t'ó permitto... Nunca desci a isso...

— Que!... Não me permittes?...

Azedava-se... Levantou-se... Ergueu a mão, tentou esbofetear o amigo... Alucado por essa aggressão em publico, este não oihou mais a nada, não teve mais força sobre si; agarrou-o, ia castigá-lo... Não lhe deram tempo... Os outros interpuzeram-se... Ao barulho, accorreram estranhos...

Era meia noite, quando Guilherme chegou á casa; dera ainda uma volta com o Pereira, a serenar-se um pouco. De nada mais quizera saber.

Por um habito velho, raro esquecido, calculou as despesas, relembrou tudo o que fizera... Estava alli o final do seu dia... do seu dia cheio, como tantas vezes repetira consigo! A estupidez daquelle insulto inimitavel, quasi vias de facto... relações partidas com um dos seus mais velhos amigos!... Um dia cheio, não havia duvida! um dia cheio!...

RAUL BRAGA.

DOIS MUNDOS

Penso. Em torno de mim palpita um mundo: Vejo-o no mar convulso e no insondavel Convulso mar da humanidade, o instavel Mar das paixões, soturno e gemebundo.

Vejo-o através do espaço interminavel: Nos astros claros; vejo-o no fecundo Ventre da terra, no amago profundo Da natureza eterna e inesgotavel.

Dentro de ti tambem, minh'alma anciosa, Um mundo immenso de illusões pulsava, Mundo que a dor desmoroçou lutuosa.

E delle apenas, hoje que o deploro, Resta-te, ó alma infortunada e escrava, O grande mar de lagrimas que choro.

Faria Neves Sobrinho.

20-1-93.

PARTINDO

Dia de inverno e horas de sol posto.
Por toda parte a lugubre paizagem...
E eu vou partir! Entretanto, no meu rosto
Apenas ves o selo da coragem.

E pensarás que o intimo desgosto
Que me trazer devia esta viagem,
Porque o não ves escripto no meu rosto,
Em mim não crave o seu punhal salvagem!

Creança, eu sigo as prescripções do mundo:
Elle condemna as explosões da dor:
Não saberei deste pezar profundo.

Ao longe, então, verei qual é maior:
Se o céu e o mar—o negro abysmo fundo—
Se minha magoa unida ao meu amor.

Arthur Lemos.

Olinda, 11-1-93

PLEBISGITO LITTERARIO

"Cosimo" pelas columnas do nosso distincto e muito estimado collega "O Album," a excellente folha de Arthur Azevedo, verberou um pouco acremente o plebisgito litterario aberto pela SEMANA sobre os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza. Lobrigando em Cosimo um dos nossos mais festejados escriptores, não duvidamos em apanhar a luva que nos foi offerecida e vamos apresentar em algumas palavras a nossa resposta.

Diz o nosso illustre contendor: que devíamos ter perguntado quaes os seis melhores romances brasileiros, que andámos mal, misturando a litteratura dos dous paizes; que em nada nos importam os romances de Portugal, e que "o resultado foi que os caixeirinhos tomaram a coisa a peito, cabalaram e abarrotaram a urna eleitoral d'A SEMANA com o nome de Eça de Queiroz? D'ahi o articulista analysa detalhadamente o plebisgito, analyse que acompanharemos.

Mas vamos por partes:

A SEMANA, no seu primeiro plebisgito quiz que provada ficasse a liberdade de suas columnas mostrando que nellas não predomina de nenhum modo o espirito de "coterie."

Imaginou perguntar quaes os seis melhores romances escriptos na nossa lingua commun.

Quando, porém, iniciou os plebisgitos concebeu logo a idéa de futuramente abrir novo plebisgito exclusivamente brasileiro. Seria o segundo, ou terceiro, e então a limitação era cabivel. Para o primeiro ha de convir o collega que seria palpavel prova de injustificado exclusivismo.

Quanto á influencia sobre nós dos romances portuguezes, ella tem sido decisiva, real, indiscutivel. Basta rapido estudo das principaes producções dos nossos primeiros litteratos para se sentir immediatamente a influencia da litteratura portugueza. Este ponto é incontroverso.

Resta-nos refutar a ultima these: a dos caixeirinhos. "A Semana" não tem absolutamente culpa de que os verdadeiros litteratos deixassem de votar e cedessem a urna aos caixeiros.

O unico escriptor de reputação firmada que nos honrou com o seu voto foi o Dr. Lucio de Mendonça, cuja opinião publicámos.

Parece-nos exagero de Cosimo qualificar de caixeirinhos os votantes da "Semana". Não acreditamos que elles

tenham tempo para taes assumptos e quasi podemos garantir que a maior parte dos nossos votantes foi composta pela mocidade das nossas escolas superiores.

A classe caixeiral se concorreu foi em quantidade diminuta...

Procedendo á analyse do resultado disse Cosimo que esse resultado foi simplesmente ridiculo... Ha de nos dar licença... mas diverjimos.

Não se pode chamar ridiculo um resultado que dá o 1º lugar aos "Maias" um livro profundamente verdadeiro, rigorosamente estudado e em que ha capitulos e capitulos admiraveis. Não pode ser considerado somente como livro de escandalo o inolvidavel "Primo Basilio."

Não é ainda ridiculo o ver-se figurando em 3º lugar o immortal Braz Cubas, como judiciosamente disse Cosimo, nem a "Reliquia" em 4º, e os outros.

Não discutimos a superioridade desses trabalhos sobre outros. A "Semana" não emittiu a sua opinião; deu a de um certo numero de pessoas que acceitaram o plebiscito aberto, e, francamente, si em vez dos Maias tivesse obtido o 1º lugar qualquer romance sem valor, nós dariamos o resultado sem a menor alteração. Não improvisamos, relatámos.

Cosimo diz que os classicos foram despresados.

Não houve tal. Si illustre articulista lançar de novo a vista sobre o nosso numero verificará que o "Eurico" teve 53 votos para 1º lugar, o "Monge de Cister 19" e "Menina e Moça" (um livro quasi desconhecido da maioria dos leitores) 9. E assim em todos os escrutínios appareceram classicos com grande numero de votos. Não tiveram a maioria, mas a culpa não foi da "Semana."

Termina Cosimo o seu brilhante artigo dizendo: que a "injustiça mais flagrante, mais clamorosa, mais tola, soffreu-a Aluizio Azevedo, o victorioso romancista brasileiro, que escreveu o "Mulato," uma obra-prima, aos vinte e dois annos, sem nunca ter lido Balzac nem Zola, e presentou depois a litteratura do seu paiz com a "Casa de pensão e o Cortiço," para não fallar de outros romances."

Como dissemos, publicámos com a maxima lealdade o resultado do suffragio e assim não podiamos fazer seleções. Lembramos ao "Album" que Aluizio Azevedo, obteve brilhante votação, sendo que por um só voto perdeu o 6º lugar.

Julgamos ter respondido ao nosso illustre censor. "A Semana" não organison eleição, não cabalou, não supplicou votos, não prorogou o prazo, não defraudou. Terminado o prazo, dois dias após, mandou apurar as chapas e o resultado foi fielmente publicado.

Si esse resultado não agradou ao collaborador do "Album" (e tambem não nos satisfiz completamente) a culpa não é nossa, é dos homens de letras que deixaram correr o pleito á revelia, salvo Lucio de Mendonça.

Perdoe-nos Cosimo mas o seu artigo, posto que brilhante, foi apaixonado... "A Semana" não tem a menor indisposição para com o illustre auctor do "Mulato" e seria supinamente tola esta redacção si lhe accudisse a idéa de apoucar o merecimento do nosso grande romancista.

E mais nada.

QUAES SÃO OS SEIS MELHORES CONTOS ESCRITOS POR LITTERATOS BRASILEIROS?

O prazo para recebimento dos votos terminará a 23 de Novembro do anno corrente. As condições são as mesmas do precedente plebiscito. (Não confundir com a novella, que, sendo de mais longo folego que o conto, é de menos que o romance, podendo ser considerado um pequeno romance).

Para facilitar a votação, vamos dar uma relação de alguns dos livros de contos mais estimados.

Se com isso conseguirmos que alguns delles sejam lidos ou relidos, já ficaremos satisfeitos. Nem outo é o intuito destes plebiscitos, que, sem isso, seriam futeis.

Contos fluminenses, Historias da meia noite, Papeis avulsos, Historias sem data, de Machado de Assis; *Historias para gente alegre, Curvas e zig-zags, Filigranas*, de Luiz Guimarães Junior; *Lendas e Tradições*, de Bernardo Guimarães; *Traços e Iluminuras*, de Julia Lopes de Almeida; *Esboços e Perfis*, de Lucio de Mendonça; *Rhapsodias*, de Coelho Netto; *Contos a meia tinta*, de Domicio da Gama; *Contos Possiveis*, de Arthur Azevedo; *Fantusias*, de Alfredo Bastos; *Narrativas*, de Galpi (Galvão Pinheiro); *Contos amazonicos*, de Inglez de Souza; *Narrativas militares*, de Silvio Dinarte; *Vultos e Factos*, de Affonso Celso; *Arminhos*, de G. Redondo.

Lembramos tambem os contos ainda não publicados em volume, de Machado de Assis, França Junior, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, F. Tavora, Julia Lopes, Virgilio Varzea, Magalhães de Azeredo, Moraes Silva, Ezequiel Freire, Alberto de Oliveira, *Hop-Frog*, (Thomaz Alves filho), *Délia*, Coelho Netto, *Ignotus* (Viveiros de Castro), Adelina Vieira, Medeiros e Albuquerque, Alcindo Guanabara, Oronio Duque Estrada, Guimarães Passos, Urbano Duarte, Raul Pompeia, Oliveira e Silva, Raul Braga, Luiz Rosa, Pedro Rabello, Emmanuel Karnero, L. G. Duque-Estrada.

Factos e Noticias

B. L. GARNIER

Tinhamos a intenção de escrever algumas linhas acerca do mais antigo e mais conhecido dos nossos editores, o velho Garnier, fallecido a 30 de setembro ultimo.

Dois illustres collegas, porém, o chronista semanal da GAZETA DE NOTICIAS e o redactor d'O ALBUM esgotaram de modo tal o assumpto, descreveram tão fielmente aquelle typo tão interessante, que nós, para não repetirmos o que disseram, vamos, com a devida venia, reproduzir um trecho de cada um dos seus artigos.

A tenacidade de Garnier no trabalho, pintou-a Machado de Assis admiravelmente nas seguintes linhas:

"Segunda feira desta semana, o livreiro Garnier sahiu pela primeira vez de casa para ir a outra parte que não a livraria. "Revertere ad locum tuum" — está escripto no alto da porta do cemiterio de S. João Baptista. Não, murmurou elle talvez, dentro do caixão mortuario, quando percebeu para onde o iam con-

duzindo, não é este o meu lugar; o meu lugar é na rua do Ouvidor, 71, ao pé de uma carteira de trabalho, ao fundo, á esquerda; é allí que estão os meus livros, a minha correspondencia, as minhas notas, toda a minha escripturação."

A sua influencia em nossa litteratura, como editor, e os seus defeitos de homem flexou-os Arthur Azevedo nos seguintes traços:

"Estabeleceram-se nesta cidade ha uns cincoenta annos. Era millionario, dizem, e não consta que já mais desse uma esmola. O seu nome nunca figurou n'uma obra de philantropia. Mas é de justiça dizer que não gastava comigo o dinheiro que negava aos pobres. Não gosou. Os seus herdeiros talvez tenham outra opinião sobre a utilidade dos contos de réis.

"Editava tudo, a torto e a direito, e nesse eclectismo está talvez o segredo de sua fortuna. Julio Verne, mais que nenhum outro escriptor, contribuiu para enriquecel-o... sem o saber.

"Diz a imprensa que elle prestou relevantes serviços á nossa litteratura. Effectivamente, o Imperador condecorou-o por esse motivo e nos catalogos da sua livraria figuravam alguns dos primeiros nomes das nossas letras. Mas a verdade é que elle só acolhia de braços abertos os escriptores que lhe entravam em casa com reputação feita, e ainda a estes pagava sabe Deus como. Não tirou nenhum nome da sombra, não estendeu a mão a nenhum talento desconhecido. Quando algum moço obscuro o procurava, ouvia: "Cresça e appareça." Se o pobre diabo realmente crescesse e apparecesse, poderia contar com o editor."

Apresenta-se candidato a uma das vagas de deputado pelo segundo districto da Capital Federal o nosso director, Dr. Valentim Magalhães, que publicará muito breve a sua circular ao eleitorado.

Falleceu o conhecido pintor belga De Wilde, proprietario de uma casa de objectos de desenho á rua Sete de Setembro. Era muito estimado pelos nossos pintores pela protecção que lhes dispensava. Affavel e jovial, tinha numerosos amigos e por isso tem sido bastante lastimado o seu passamento.

THEATROS

Em alguns theatros desta revolucionada capital tem havido representações; o Apollo tem sempre levado o "Abacaxi", que consegue attrahir sempre grande numero de espectadores.

No Polythcama estreou hontem, com a "Aida", a companhia lyrica do Sr. Sansone e de que é empresario o Sr. Luiz Milone. Nada diremos hoje sobre a estréa dessa companhia porque não nos foi possivel arrostar a tempestade para ir ouvir os rouxinões do Sr. Milone. Mas diremos alguma cousa no proximo numero.

Sabemos que o nosso amigo o illustre maestro Marino Mancinelli é o empresario da companhia lyrica, que virá a esta cidade em o anno proximo.

Fazemos sinceros e ardentes votos para que a sua empreza seja coroada de melhor exito, para que cada representação seja um triumpho para o director e um successo para o empresario.

Oxalá Mancinelli dispense a horda ignobil dos sub-secretarios, fiscaletes e outros typoides que, desconhecendo as regras mais almpies do cavalheirismo, muito contribuíram para a antipathia em que cahiu o Sr. Ducesi.

Bravos ao Mancinelli, que a estas horas já lá vai mar alto a imaginar a sua companhia, cujo elenco ha de ser forçosamente oomposto de artistas de "primo cartello."

FLAMINIO.

CORREIO

Sr. ATHOS—Analysemos a sua poesia. Diz S. S. lá na sua meia lingua:

"Meu Deus! Porque nas noites melancholicas,
Da lua no langor,
A mente de poeta se extasia,
Se perde nas regiões da fantasia,
E canto ainda amor?"

Então o Sr. não sabe porque? Faça-se de novas! Não sabe mesmo? Pois eu lhe digo: E' porque urubú quando está caipora não acha galho que o agente! Outra perola:

"O amor hoje é palavra sem sentido,
Miragem do deserto...
Si canto amor, motejamo do poeta,
O peito abrindo ao typo o mais pateta
Que tenha herança perto."

Mas o Sr. não concorda commigo que esta sua estrophe (leia-se "estrope," abreviação de estroplada) inda tem menos sentido que a palavra "amor?" E não acha tambem que os patetas inda tem menos perto a grammatica do que a herança? Lá vae mais perola:

"O sec'loquer dinheiro... o som metalico
Os seres Inebria...
A virgem quer tinidos sonorosos,
Que embalem-na nos sonhos amorosos,
Em doce melodia..."

E não acha tão pouco que as donzellas querem egualmente uma outra coisa, dos bardos amantes, além dos "tinidos sonorosos," coisa esta ás vezes mais difficil de ter do que os citados tinidos? Julzo, o Sr. bem me entende. Ainda mais perola, leitor:

"O rico—velho—coxo,—hemorroydario
Será um bom marido!
O vate que uma cateira tem por leito,
Uns versos na algibeira o amor no peito,
Não serve! é um perdido..."

E acha o Sr. que a menina não tem razão. hein? Quem lê por leito uma esteira, meu caro, chucha no dedo que é serviço! Na algibeira querem-se "nicolás" e não versos capengas, mesmo porque: capenga não fórma! Agora a ostra, digo: a perola final:

"O amor é coisa vã... de nada serve...
Porque cantar amor?
A moça ama sómente o "calculista,"
E o mundo só dá palmas ao versista,
Si é morto e foi deutor!..."

Pois o amigo, creio que, mesmo depois de morto, não as terá, a não ser as das proprias mãos e dos pés. Minto! Ha de ter, sim: o amigulho em morrendo ha de levar palma e capella, fique descançado. Pois se a moça tem coração duro... não quer nem a cacete! Quanto ao doutoramento que lhe falta, não lamente o poeta o seu estado, que eu lhe confiro desde já o diploma de Dr. na Asneira. E lamba as unhas!...

Sr. PANTALEÃO—Parece que, apesar das chuvas que nos tem caeteado, a agua continúa a ser para Vossa Mercê uma illusão, com todas as letras. Já é ser caipora, benza-o Deus!... Pois meu amigo, um banho por semestre, pelo menos, creio que lhe não faria mal de todo. Lave-se, homem, lave-se e venha depois de vasculhado falar-nos, que o attenderemos. Isto do amigo obrigar a gente a responder á carta, mas que nos mandou o seu soneto—Ilha da Sapucaia, —de nariz arrolhado, é uma barbaridade!... Ou pensa Sua Mercê que já se acabou no mundo a areia e a casca de côco? Não, creatura, inda ha muito d'isto. Mas muito, mesmo! Esfregue-se e appareça, então; pela segunda vez lh'o digo. Com um pouco de coragem a coisa vae. E' possivel que da vez primeira adoeça, pela falta de costume, mas depois habitua-se. Animo, pois! Um homem é um homem!

ENRICO.

Tratos á bola

Ora esta! Deste modo estamos bem arranjados! Eu a acastellar charadas, a formar trincheiras de logogryphos, e os Srs. charadistas a deitarem tudo abaixo com a metralhada da sua perspicaçia, como as crianças que derrocam os baluartes de cartas de jogar e os pelotões de soldados de chumbo, com dois piparotes e meio, ou com um sopro e tres quartos! Que procedimento inqualificavel...

Isto assim não leva geito! Não;—que a cachola cá do mustiga-resas não é para ahi nenhum alambique de mel de pau, nem nenhum tonel das "Damnadas" como dizia o meu defunto, devoto e compadre João dos Grellos, que Deus tenha em sua santa guarda;—o bom João dos Grellos que me dava sempre o melhor dos cafés que tenho bebido em toda a minha attribulada vida de cilicio e jejuns.

Era torrado e feito pelas bentas mãos da comadre Francisca (Deus lhe fulte n'alma!) a Chica Jabiraca, como a tratavam na ausencia as más-llnguas.

Mas que sabor de café e que dedos que tinha aquella mulher para o tempero! Santa Rita de Cassia, nem me quero lembrar...

Entretanto, lembro-me sempre, que, uma vez... Mas, ora pipocas! Não é que com o café da comadre, ia-me esquecendo dos tratos?

Tratemos d'isto, portanto.

D'esta vez, coube ainda a "Amor Perfeito" o premlo. Chegue-se a elle! Segundo este invencivel "tratista" são estas as decifrações das charadices passadas:

Enygma—Florlano.
Charada 1ª—Frel Antonio.
Dita de "Thianor"—Copacabana.
Dita de "Feroz"—Logogrypho.
Logogrypho de Lillazia—Beljoca.
Charadas do blbl—Commoda—Macao—Muocama.

Depois de "Amor Perfeito" chegaram-se á fala os "barras" seguintes: "Bibliophilo", que esteve por um fiapo a lamber-se com o premlo, "Pépe",—"Violetina"—"Fritz"—"Lilazia e Valerius Madllena."

"Violetina" honrou-me com uns versos que em seguida transcrevo:

"Ao illustre Frel Antonio
Vem pedlr humildemente
A pequena charadista
(E pedir por Deus clemente),

Lhe seja dado um logar
Ao lado dos valorosos
Que se acham alistados
Como soldados briosos.

E por ter contentamento,
Vem pedir deferimento."

VIOLETINA.

Pois não, minha senhora, esta secção é sua. O meu humilde cenobio, as contas do meu rosario e até o meu cordão de frade, tudo, está tudo ás ordens de V. Ex.ª

Agora ás

CHARADAS

Na pauta estou, bom leitor,—1
No meio sou encontrado;—3
Usado pelo doutor,
Se não vae, estás curado.

Está na pauta,—1
No brejo está,—1
Neste momento—1
Fructa achará.

Regato que prende o navio.—3,—2.

FRITZ.

LOGOGRYPHO

Se tu á missa fôres, meu leitor,
Tu has de ouvir dizer o sachristão;—5—4—3—6
Agora, lá nos ares me elevando,—7—2—1.
Podes me ver sem custo e confusao.

Encerro muitos primores
E sou por todos querida;
Quem a mim não conhecer
Não tem gosto nesta vida.

VIOLETINA.

Agora, esconjurado o demonio, de novo benzo-me e entro em fogo.
Lá vae quitute:

BISADA
3

Esta molestia pegajosa
—r—
Cobre-te a carne velludosa.
Que é?

ANTIGA

Busque na musica, rogo,—1
Fazenda que não é feia;—1
Porem que, de terra cheia,—1
Certamente acaba logo.—1

Mas que, mesmo sendo breve,
Sendo-lhe a vida fugaz,
Brilha muito e acho que deve
Brilhar tanto como o gaz.

NOVISSIMAS

1ª Esta pedra, na mulher e na musica, é serra.—2—2—1.

2ª Este verbo com os olhos, bebe se.—1—2.

3ª Na carga do lavrador vae rodando.—1—2.

4ª Na tela entra, na musica sac—1—2—1.

E tenho dito, que isto tambem não vae a matar.

E depois a gente precisa poupar-se, mesmo porque sabbado que vem tambem é dia.

Portanto logogryphistas illustres e não menos illustres charadistas, tratologos, emfim de todas as raças, e de todas as idades e de todos os sexos, até á seguinte campanha.

FREL ANTONIO.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO
DOS**

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE
FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE
A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.
Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. F. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96
TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12
Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas
Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.